



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Estratégias metodológicas para uma etnografia de uma bateria de escola de samba

Autoria: Felipe do Santos Lima de Barros (IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro)

A comunicação apresentará questões e caminhos metodológicos encontradas no decorrer de minha pesquisa de doutorado desenvolvida junto aos integrantes da bateria da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2010 a 2014 e defendida em 2016, no PPGSA/UFRJ. Na performance carnavalesca das escolas de samba, as chamadas "baterias" têm um papel fundamental. Trata-se de um conjunto composto por cerca de 250 integrantes que participam do desfile, tocando (ou batendo) exclusivamente instrumentos de percussão. No desfile, a bateria é a responsável pelo acompanhamento rítmico percussivo que "anima", "sustenta" o canto dos participantes do desfile e "dá o ritmo do samba" que conduz os passos de dança. A pesquisa abordou as diferentes formas de sociabilidade, práticas sociais e performáticas engendradas pelos agentes sociais envolvidos com a bateria da escola de samba Salgueiro, dando ênfase à etnografia de um debate que ocupava as falas de meus interlocutores: as transformações e mudanças experimentadas na composição social e na sonoridade da bateria a partir da década de 90 até 2014. Na tese, a partir das concepções de integrantes e ex-integrantes da bateria do Salgueiro, foi discutida então a relação entre processos de mudança social e estética, enfatizando como processos criativos, conflitos, sonoridades e dramas sociais são produzidos, simbolizados e metaforizados em situação de performance ritual, no caso, a disputa festiva das escolas de samba cariocas e seu ciclo preparatório. Tal contexto e, conseqüentemente, os discursos dos interlocutores apresentam uma complexa teia de relações entre sistemas de classificação sociais e sonoro/musicais que se expressam por meio de palavras, ritmos, língua, silabações, técnicas corporais, sons, performances, marcadores temporais, etc. Trata-se de um repertório de difícil apreensão. Se pesquisa de campo é um modo de acessar tal repertório e compreendê-lo,



os modelos de escrita etnográfica, consolidados pela antropologia moderna e baseados na textualização, parecem ser insuficientes para dar conta de sua tradução. A comunicação irá demonstrar dificuldades e estratégias vivenciadas, ao longo da pesquisa de campo e, principalmente, na elaboração da tese, momento que, para referenciar o texto, se tornou necessário a adoção de estratégias colaborativas de escrita, de uso de material arquivístico e produção de registro fonográfico e visual. Dessa forma, as fronteiras do contexto de pesquisa de campo foram rompidas e as interações e situações de interlocução transferidas para estúdios de gravação e ilhas de edição. Por essa discussão, pretende-se discutir os limites da escrita acadêmica e a possibilidade de traduzir a criatividade das formas expressivas e discursivas dos ritmistas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: